

In Tenebris

Mais do que os olhos podem ver, mais do que um cérebro humano pode sequer conceber a verdade do que se esconde além da membrana entre o real e o incompreensível. Os medos podem vir à tona em nossa realidade através dos mais diferentes e inimagináveis meios e, fora na noite de um domingo, que Laura viria a presenciar eventos que a atormentariam pelo restante de sua vida.

Filha de Allaire Mariez Loudrave e Morbihan Henry Loudrave, de quem Laura e a mãe recebera o sobrenome, fora criada em cidade grande no auge do fim do século XIX. De boa educação e conduta, foi criada pelos pais na cidade onde havia nascido, em casa, com o auxílio das infindáveis páginas de coleções inteiras de livros obtidas através dos lucros de Morbihan em seus últimos investimentos em empreendimentos de fabricação de produtos têxteis no centro industrial ao sudeste da cidade. Seus lucros lhes proporcionaram uma boa vida pela frente e, com o intuito de aproveitar o tempo com a família e dar continuidade ao tratamento de Laura, mudaram para uma pequena comuna dos arredores, assim, podendo desfrutar da paz e boa vizinhança da cidadezinha à uma distância que lhe permitiria viajar aos seus negócios têxteis, caso necessário fosse.

Os anos se passaram, Laura havia crescido e se demonstrava uma pessoa autossuficiente e determinada. Sua cegueira, à qual os médicos da época não conseguiram curar em seus mais diversos procedimentos, não se demonstrava um obstáculo, mas, pelo contrário, parecia inspirar a jovem a superar aqueles ao seu redor, se demonstrando igualmente capaz em tudo que fazia. E de tudo ela fazia.

Era 19 de outubro do ano de 1887 e um vento gélido avançava pelo peitoril da janela do quarto de Laura, no segundo andar, que estava junto à penteadeira com a escova de cabelos em mãos, arrumando os longos cabelos ondulados sobre o vestido de rendas e bordados vistosos. Já estava para escurecer, ela sabia, pois já haviam começado as correntes de ar frio vindo do rio Vilaine, que cortava a cidade ao sul, e o tráfego se intensificara com os trabalhadores retornando das indústrias para suas casas. Ela terminou de pentear os cabelos, colocou a escova sobre a penteadeira e contornou a cama até a janela, fechando-a e interrompendo a brisa que entrava do exterior.

Laura novamente contornou a cama e desceu os vinte e três degraus após ter passado pela porta do quarto em direção à escada, no corredor. Já no primeiro andar, chamou a criada para a frente da casa, junto à porta, onde a aguardava sobre a soleira.

- Como já informado, estou de saída para jantar à casa do monsieur Tenebres – disse à criada, apanhando dos suportes seu inseparável guarda-chuva e colocando sobre a cabeça seu adorado bergère – Sob o telefone está o endereço.

- Oui m'dame – concordou em um francês baixo de sotaque estrangeiro.

- Volto ainda hoje, tome conta enquanto aguarda meu retorno. Au revoir! – disse, lançando-se às ruas já vazias.

A mulher cujo os rostos dos pais, agora enterrados, jamais chegara a ver saía do hall de entrada de sua casa, assim como naquele último solstício de inverno, quando se atirou sobre os caixões retangulares de madeira, porém, agora, não com um luto flagelando seu coração, mas com um sorriso meigo e uma alegria contagiante em ir ao encontro de seu novo e primeiro amado.

Guiava-se pelas ruas com o guarda-chuva em mãos, esbarrando e delimitando, através da ponta gasta, quaisquer saliências no piso irregular à sua frente. Nas esquinas e becos, usava dos sons dos passos de outras pessoas como guia de quando e por onde deveria atravessar das carroças e cabrioles. Antes do destino final, dobraria uma rua, no meio do caminho, para passar na floricultura de Beatrice, seriam três quarteirões do desvio da rota comum e, no total, seriam aproximadamente cento e trinta e sete passos, estipulava Laura.

A floricultura de Beatrice era sempre um local de satisfação, seu aroma era dos mais agradáveis e parecia invadir os pulmões à, pelo menos, uma quadra de distância. O perfume doce purificava o ar azedo e denso da cidade, tornava a floricultura um local tolerável e, para Laura, até mesmo agradável. Haviam, ali, pendurados à parede de um trailer lírios, girassóis, rosas, narcisos e gérberas, cada uma com um aroma e delicadeza mais atuante e presente que as demais.

- Bonne nuit mademoiselle! Em que posso ajudar? – interveio uma voz masculina entre as flores, diferentemente de Beatrice, por quem Laura esperava ser atendida e que possuía uma voz doce e macia.

- Oh! Boa noite, monsieur – respondera com certa surpresa e um tanto quanto apreensiva – Assusta-me o senhor por aqui, esperava dar-me com Beatrice.

- Oui, claro! Acontece que a mamãe veio a adoecer recentemente, uma febre apenas – respondeu com um tom reconfortador, sua voz era grossa, mas trazia consigo algo de fraterno nela, como se houvesse herdado da mãe aquela atenuação macia e característica – Logo tudo ficará bem... Por ora, cuido eu da floricultura!

- Melhoras para ela! Espero que se recupere logo...

- E de certo, irá.

- Aliás, vim a procura de um pequeno laço de fita. Já o havia deixado encomendado com sua mãe.

- Oh, oui! Vejamos... – disse ele, sua voz se abaixou e, por alguns instantes, podia-se ouvi-lo procurar por entre porcelanas, plásticos e papéis – Aqui, ela deixou separado para quando viesse buscá-lo.

Um silêncio se fez entre ambos por alguns instantes enquanto passos e o cavalgar dos animais puxando as carroças nas ruas ao lado ambientava a cena entre os dois, na floricultura.

- Poderia ajudar-me a colocá-lo? – quebrou o silêncio, Laura, já imaginando a cena do monsieur estendendo o laço para que ela pegasse, o que já não seria a primeira vez – Nasci sem o dom da visão, se assim o compreende.

- Ah! Excuse, eu realmente não fazia ideia – sua voz estava, agora, apreensiva e nervosa como se uma certa desestabilização o tivesse atingido por dentro, como se estivesse tremendo. Seus passos voltaram-se à direção de Laura, contornando a banca de flores até sua frente, segurou-a pelos ombros e a girou, aproximando-se ainda mais perto de Laura – Como queres que o coloque, mademoiselle?

- L-Laura... – respondeu-o com a voz, não intencionalmente, também desestabilizada.

- Como? – disse. Ele era alto, sentia-o atrás de si, e sua voz possuía um toque de menta de frescor intenso e quente, como os vapores que saem da chaleira em um dia frio de inverno. Era aconchegante.

- P-Pode me chamar de Laura e... – constrangida, Laura respirou fundo e buscou estabilizar-se – Coloque o laço no lado esquerdo do bergère, se possível.

- Oui, dame Laura! – ele sussurrou, seu hálito de encontro as suas orelhas, enquanto posicionava e prendia o laço ao chapéu.

Com um sentimento de ficar ou correr, Laura afastou-se do filho de Beatrice. Seu corpo tremia de forma incontrolável, seu coração batia apressado, tal como fora seus passos para sair dali. Feliz em já ter tido realizado o pagamento pelo laço no dia em que pedira à Beatrice a encomenda do mesmo, aproveitava a oportunidade de não ter que passar nenhum minuto a mais ao lado daquele homem que a atendera na floricultura. Sentia-se errada, sentia um grande emaranhado de emoções que preferia guardar e esconder dentro de si mesma ao entender o que seriam aqueles seus fios sem sentido.

Já distante, ela caminhava pelas ruas da cidade seguindo as direções e instruções que lhe foram dadas pelo monsieur Tenebres, para guia-la à sua casa. Os últimos raios de luz presentes no céu eram engolidos pela linha no horizonte ao oeste e, à medida que os serviçais saíam às ruas acendendo os lampiões a gás, Laura se afastava do iluminado centro urbano em direção às casas suburbanas através de vielas cada vez mais sórdidas e vazias.

Sétima casa à direita, no sentido da capela central para a zona rural, casa de vigas de madeira em seus vértices, degraus com corrimãos de metal ornado frente a porta de uma entrada principal, pouco mais de setenta passos. Laura parou. Hesitou por um instante sobre o assoalho de madeira até que se aproximou e bateu a aldrava, percebendo que ali não havia campainha, após tê-la procurado. A porta se abriu com um feio rangido e, do interior, ressoou uma grave e aveludada voz que, de alguma forma, possuía uma certa classe e elegância na forma como as frases, por ele, eram ditas.

- Laura! Deus sabe o quão bom é vê-la novamente!

- Tenebres! – agitou-se Laura, aproximando, entusiasmada, da fonte de onde vinha a voz.

- Estou contente e aliviado por ter conseguido vir de tão longe sozinha – a pesada porta de entrada se fecha com mais um longo e ruidoso ranger – E como estava preocupado!

- Não te preocupes, mon amour! Consigo fazer tudo que os outros conseguem, não sou ou me deixo ser, em falta ou transbordar, em nada inferior por minha comorbidade! – disse Laura, assertiva. Com qualquer outro estaria irritada, mas, naquele momento, enlaçada pelos braços de Tenebres, exprimiu apenas parcialmente aquele sentimento reprimido dentro de si.

- Oui! Tenho consciência disso e jamais depreciaria suas infames habilidades de exploradora urbana – disse Tenebres com um leve tom de escárnio.

- ... E que Deus o tenha, se o fizer – retrucou Laura.

Com um riso contido, o anfitrião desatou a rir e ambos, dentro de minutos, se encontravam em gargalhadas enquanto a jovem era conduzida pela entrada até o saguão da grande casa, onde fora deixada sozinha em um sofá.

- Um segundo, madame – interveio Tenebres às gargalhadas, retomando o ar de imponência – Apresentar-lhe-ei aos meus pais dentro de instantes, irei os chamar e então poderemos dar início a esse tedioso jantar.

- Então eu sou tediosa demais para você, votre honneur Tenebre? – respondeu, provocativa.

- Não se trata de você. Sabes disso.

Os passos dispararam escada acima, restando apenas Laura no grande saguão de entrada vazio e desconhecido. A ponta do guarda-chuva se limitava à uma pequena mesa de centro circular a sua frente e, além dela, a sala se limitava à um sofá grande e fofo ao qual estava sentada. Todo o restante era desconhecido: Suas limitações, obstáculos, suas dimensões, seus objetos com suas inimagináveis texturas, formas, temperaturas...

Havia um universo não-observável inteiro na sala ao seu redor e, ainda assim, tudo parecia tão distante e intocável. Uma tábua solta, um prego, um buraco ou mesmo um objeto estranho cuja ponta do guarda-chuva não renunciasse sua chegada seria o bastante para derruba-la ao chão. Havia tão pouco no vasto tanto, experiências perdidas por uma limitação, pelo medo.

Como poderia uma figura transparecer-se forte e convicta e, num segundo após, deixar à mostra a dor de suas fraquezas e feridas que tanto tenta esconder da vista dos outros? O que seria aquela dor pulsante dentro de si, um ardor pungente de inveja e raiva lancinante que crescia sem controle?

Um vazio aumentava exponencialmente ali dentro. Sua respiração estava, agora, pesada. Seu peito batia como os tambores de anúncio de duas tribos em

guerra prontas para a batalha, seu corpo se aquecia como chamas de uma febre terminal, os ouvidos zuniam em um contínuo zumbido agudo. Seu corpo se mexia em uma ansiedade delirante, seu peito arfava em busca de ar e então expirava com força como se seus pulmões estivessem cheios de um líquido viscoso que se recusava a sair.

Sua cabeça latejava, Laura sentia o sofá girar em círculos. Tudo parecia em desequilíbrio, o tecido macio e felpudo dos assentos que, antes, lembravam camurça agora cresciam ao redor de seus dedos e mãos. O tecido se desfazia das costuras quando ela os puxava e segurava-os na tentativa de manter-se no lugar enquanto toda a sala girava sem fim, os fios descosturados das malhas rasgadas cresciam e se tornavam mais longos, sendo puxados pela inércia, envolvendo os dedos e mãos de Laura, alguns deles parecendo abrir-lhe a pele e fundir-se às veias pulsantes, já outros, contornando os braços e se alastrando por eles até os ombros.

À cada arquejo interminável, as paredes da casa pareciam se envergarem até os últimos limites das grossas vigas de madeira. Os rangidos se tornavam uma constante, quase suprimindo os soluços por ar da garota-sofá, até que todas as paredes, piso, teto e móveis estivessem completamente entortadas em direção ao centro do saguão e, então, eram expirados para fora, contorcendo-se tanto quanto era possível, ao ponto em que as paredes daquele velho casarão poderiam ser comparadas às palhetas de um arco, pronto para lançar sua flecha ao vento. Um rangido a cada suspiro, um suspiro a cada rangido. O local era um só com seu pulmão e ambos respiravam juntos, e simultaneamente.

- Laura... Você está bem? Parece pálida... – disse Tenebres e, então, tudo voltou a si. A sensação dos objetos se contorcendo para próximo dela estabilizaram, os fios do sofá se ataram uns aos outros e voltaram a velha textura de camurça, a sala parou de girar e, aos poucos, tudo retomou seus lugares com o ressoar da voz de seu amado.

- A-Acho que sim... Melhor agora – respondeu com um sorriso, embora nada parecesse ter graça.

- Eles nos esperam à mesa. Você vem?

- Claro. Depois de você! – disse levantando-se do sofá.

- Pois seguimos juntos, então – Tenebre se aproximou e, cruzando seu braço ao dela, seguiram, lado a lado, em direção ao salão de jantar após um pequeno corredor.

Eles seguiram juntos pela entrada do salão de jantar até um dos lados da mesa já posta diante deles, onde Tenebre deixou Laura sentada, e logo após sentou-se do outro lado, seus passos ressoando ao redor do que parecia uma longa mesa retangular. Ele se acomodou em sua cadeira e, então, barulhos de talheres e pratos se espalharam pelo ambiente até que o entregassem à Laura. Com uma faca e um garfo em mãos e, à sua frente, um prato cheio de comida acompanhado de uma taça de vidro cujo formato era fino e longo sobre uma mesa de textura amadeirada recém envernizada.

Um silêncio inundou, então, toda a sala. Nenhum som fora feito, nenhum talher, cadeira ou prato fora movido, nenhuma tábua do assoalho rangeu de novo, tudo parecia completamente arrefecido. Estariam todos comendo? O que causara todo o silêncio? Esperam, eles, que diga algo? Perguntava-se Laura. Os talheres tremiam em suas mãos inquietas.

- Sirva-se – quebrou o silêncio a voz grave e aveludada à outra ponta.

- E seus pais? – questionou, tentando sentir, com o garfo e a faca, a textura e tamanho dos alimentos colocados para si no prato.

- Não se preocupe com eles. Os conhecerá em breve, apenas coma.

Sua voz soava imperativa e impositora, suas palavras impunham uma autoridade quase inquebrável sobre as ações e pensamentos. Sem querer questioná-los ou novamente interromper o silêncio mórbido e constrangedor que havia ali, Laura cutucou os alimentos do prato, rolou uma forma roliça de carne sobre os vegetais, fatiava-os e equilibrava, como pôde, os grãos sobre os dentes do garfo, tentando ignorar aquela situação.

Mas era impossível. Algo a incomodava, muito além do silêncio angustiante que tomava conta de toda a sala que estava e que somente era quebrado pelos barulhos irritadiços do próprio garfo arranhando a superfície do fundo do próprio prato, a faca serrando as fibras, ossos e lóbulos da carne até que chegasse à porcelana sob eles em um som brusco e estridente, o líquido denso e amargo escorrendo por seus lábios e descendo pela sua garganta em um barulho grave e contido, mas que chegava aos seus ouvidos, assim como todos os outros sons que seu corpo produzia e que ela mesma fazia, devido ao silêncio insuportável.

Havia outra coisa que a incomodava, algo como uma pulga atrás da orelha cuja pergunta não era revelada. Algo como a palavra na ponta da língua cujo esquecimento nunca era explicado. Algo como os sussurros sem explicações que vinham com o vento. Uma sensação estranha a atormentava inconstantemente durante toda aquela longa refeição que parecia nunca ter fim e, nesse ínterim, Laura se pegou perguntando-se onde já havia sentido aquela sensação, mas só havia vagas recordações de quando, ainda nova, saía para lugares públicos, onde as pessoas a fitavam incansavelmente e sussurros a seu respeito eram lançados às quatro paredes, como se sua presença fosse mais um impulso para fumar os comentários que já eram feitos pelas suas costas.

Era esse o caso? Seria a comida a lembrando do passado? Seria Tenebres a observando do outro lado da mesa enquanto fazia sua refeição? Independentemente do que fosse, havia algo que abalava os pensamentos e sentimentos de Laura naquele ambiente. Ela estava mal, queria fugir e ir embora, mas não o fez. Acreditava ser coisas de sua cabeça e não queria estragar a noite e o encontro com seu anfitrião, então, apertou os dedos ao redor do frio cabo metálico dos talheres e terminou, com rapidez, a refeição familiar.

Tendo engolido a última garfada, como se a estivesse observando durante todo esse tempo, Tenebres se levantou em direção à Laura, parando ao seu lado, ele a tomou pelo pulso e ambos começaram a sair do salão.

- Precisamos de um pouco mais de privacidade – disse Tenebres, já à porta – Estamos de saída. Vem Laura, vamos para o meu quarto.

- Oui! – concordou.

Eles caminharam novamente pelo corredor e passaram a subir os degraus da escada do saguão de entrada em direção ao segundo andar, enquanto seu anfitrião a auxiliava durante todo o caminho. Ao longe, abafado pelos sons dos passos sobre os degraus, Laura conseguiu escutar, ainda vindos do primeiro andar, as outras demais cadeiras da mesa de jantar se afastando em burburinhos enquanto a mesa era retirada em barulhos metálicos e agudos das porcelanas chocando-se ao serem sobrepostas umas sobre as outras.

Sua cabeça estava zozna e o que se seguiu parecia um compilado de acontecimentos e sensações interpostas umas às outras como em flashes. Lembranças vagas de um trauma que há muito se queria esquecer. Os passos soando no assoalho, as mãos a envolvendo pela cintura enquanto era erguida ao ar através da porta do quarto, que acabara de ser aberta. O cheiro. Um agouro repúdio tomou conta de Laura no momento em que entrara no cômodo, havia ali um odor tão grotescamente repulsivo que fez com que uma nova onda de tontura a atacasse quando fora jogada sobre o colchão. O quarto girava. As vestes, o tecido sendo rasgado, o lençol envolvendo seu corpo. Todas as paredes, objetos e até o próprio ar daquele ambiente parecia emanar uma concentração pútrida, um mau cheiro que beirava o irreal e fazia com que uma cremação sucessiva de corpos em decomposição em um lixão à céu aberto mais parecesse uma essência de lavanda.

E, então, veio a dor. Uma dor pulsante e latente que ia e vinha, não importasse o quanto ela implorasse. E veio o sangue, a tontura, mais dor. Laura estendeu as mãos em direção ao rosto de Tenebres, ele estava suado, ela sentia seu rosto úmido voltando-se de encontro ao seu e, de repente, pareceu-a como se ele a entendesse. A tontura e a dor, aquele calor carnal conseguia a compreender. Ela sentia a boca de Tenebres se abrindo lentamente. Os lábios de Laura se abriram em assentimento, indo de encontro aos dele, absorta por uma ilusão que não lhe era verdadeira, absorta por aquele amor. Da boca de Tenebres saiu um líquido escuro com restos de granulados não absorvidos que jorrava em direção aos lábios, as mãos e a face de sua acompanhante, o vômito denso descia pela garganta de Laura como brasas acesas e faziam seus olhos lagrimejarem de encontro a gosma espalhada pelo seu rosto em um odor insuportável. Outro flash, outra lembrança. As delimitações e obstáculos naquele imensurável universo não-observável não mais parecia amedronta-la, ao menos, não mais que o sentimento de continuar presa dentro dele. Então, os passos, rápidos e desesperados, em meio à penumbra de incertezas, em busca de uma saída mais rápida possível para aquele local. Uma fuga.

Já do lado de fora, largada às ruas, sem se dar conta dos passos que dera, as curvas que fizera ou onde estaria seu guarda-chuva, Laura caminhava pelas ruelas da noite em busca de proteção.

- Se eu fosse ocê, num vumitava na frente da casa do monsinhô LeBlanc – disse uma voz grossa e risonha, próxima, observando Laura ainda tentando se recuperar dos acontecimentos.

- LeBlanc? Quem é você? – questionou, assustada, não tendo percebido a presença do homem ali.

- Monsinhô LeBlanc é meu patrão, ora... – respondeu o homem expirando longas baforadas de cachimbo entremeio cada frase que dizia – E ocê, quem é?

- E-Eu... Eu não estou bem, eu vim da casa do meu... meu...

- Vai cum calma moça, dionde cê veio primeiramente?

- Rua Baron de la Victoire, eu... Eu acho, número 961B.

- No bairro das indústrias? Na entrada da cidade?

- I-Issso... Isso mesmo. Venho da casa de um conhecido, eu acho.

- Minha fia, cê tá perdidinha... Minha família inteira mora praquelas banda da cidade e não vive, ou mió dizem, nunca viveu viva alma nesse lugar que cê tá falando.

- Mas... C-Como assim? Eu acabei de voltar de lá, do que você está falando?

- O número 961B foi um antigo galpão de descarga de materiais de construção, eu trabalhei lá... Foi desativada depois dos patrões quebrarem, demoliram até o último tijolo pra vender e conseguir pagar as dívidas. Desde então nunca mais se construiu nada naquele lugar, não existe ali casa alguma.

Haviam dentro dela, naquele momento, um misto de sensações quase que inexplicáveis. Uma sensação de sufocamento, dormência e humilhação. Estaria, aquele homem, dizendo a verdade? Que motivos teria, ele, para mentir? Mas, se não mente, então onde esteve? O que quer que houvesse dentro de Laura, fossem amargos sentimentos ou infundáveis questionamentos, ambos foram expelidos para fora em grandes golfadas enquanto os grunhidos suprimidos e as gargalhadas exacerbadas prenunciavam o término daquela longa noite que, em sua memória, ficaria marcada para sempre.

A jovem Laura Loudrave vivera até seus trinta e sete anos de idade, quando fora encontrada em casa uma semana após sua morte pelo leiteiro que, percebendo os vidros de leite não recolhidos à porta da casa, chamou o inspetor para averiguar o que se passava, encontrando-a suicidada dentro de casa sobre a mesa de madeira de seu salão de jantar, que estava trancado pelo lado de fora. Ela vivia uma vida reclusa e isolada, raramente mantendo contatos externos, mas, segundo muito dizem os moradores, a pobre Laura se suicidara após já não aguentar mais os passos que a seguia por onde quer que ela fosse e os olhos que a fitavam onde quer que estivesse.